

## A FORÇA DO ASSOCIATIVISMO

Na última semana de março a ABAG/RP realizou Assembleia Geral Ordinária de Sócios Mantenedores. Um momento importante para prestar contas das atividades no ano que passou, traçar as metas para o ano que começa e, neste ano em especial, eleger o novo Conselho Diretor que estará à frente da Associação no triênio 2007/2010.

Com seis anos de existência a ABAG/RP já é uma entidade madura e sua representatividade vem sendo reconhecida além dos limites da região. Possui em seu quadro associativo representantes dos mais diversos segmentos das cadeias produtivas. Do “antes da porteira” estão instituições de pesquisa, universidades, indústrias de base e de insumos. O “dentro da porteira” é muito bem representado pelas associações e cooperativas de produtores, presentes desde a fundação da associação. Já o “depois da porteira” está representando por indústrias de transformação dos mais diversos produtos produzidos na região de Ribeirão Preto.

O Conselheiro Paulo Rodrigues, representante da Associação dos Fornecedoros de Cana de Guariba (Socicana), vê a participação de uma associação dentro da outra como forma de fortalecer o movimento associativo, principalmente porque a ABAG/RP faz um trabalho dirigido que atinge não apenas os formadores de opinião de hoje, mas prepara os jovens para enxergar oportunidades dentro do agronegócio. Opinião compartilhada pelo Presidente da Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba (Coplana), Roberto Cestari, que frisou: “Dentro do cooperativismo moderno a educação tem lugar de destaque”.

Para o representante da Embrapa Instrumentação Agropecuária, o pes-



*Presidente do Conselho Diretor da ABAG/RP, Eduardo Diniz Junqueira e o Conselheiro Fernando Balbo durante a eleição do Conselho Diretor*

quisador Dr. Ladislau Martin Neto, é importante que a instituição esteja próxima do setor produtivo, pois é ele quem canaliza os benefícios para a população. Esta aproximação ajuda a identificar demandas e tendências.

O Diretor da UNESP, Campus de Jaboaticabal, Prof. Dr. Roberval Daiton Vieira, vê nesta participação uma oportunidade para os alunos da Universidade e, ao mesmo tempo, uma ampliação da visibilidade da mesma.

O diretor da Montecitrus, Paulo Rodas, destaca que para a citricultura esta participação ao lado de outros setores, aliada à Campanha de Valorização da Imagem do Agronegócio desenvolvida pela ABAG/RP faz com que o público e também o Governo tenham melhor entendimento sobre o agronegócio.

Do setor sucroalcooleiro, o empresário Fernando Matos Oliveira, da Usina Santa Fé, também conselheiro da Associação, lembra da mudança que foi conseguida na imagem do se-

tor com o trabalho feito na região de Ribeirão Preto. “O que era e ainda continua distorcido, agora tem um contraponto com a realidade e a modernidade que de fato se opera.”

Mas além disso, destaca outro Conselheiro da ABAG/RP, Luis Roberto Cruz, da Usina da Pedra, a grande virtude da Associação é que ela não expõe as empresas que dela fazem parte e, ao mesmo tempo, as apresenta à sociedade onde elas estão inseridas. Politicamente ela não fala em nome de um setor, mas em nome de todos, o que a fortalece também.

O atual presidente do Conselho, Eduardo Diniz Junqueira, um dos grandes entusiastas da idéia de formar na região uma associação que representasse, de fato, a força econômica do nordeste do estado de São Paulo, se mostra satisfeito com os resultados dos trabalhos. A Associação, que uniu as diversas cadeias produtivas, conseguiu vez e voz para apresentar e representar o agronegócio da região.

# O empurrão

A convite do Consulado Americano a diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, participou do evento sobre biocombustíveis com os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e George W. Bush, na Transpetro, em Guarulhos, no dia 9 de março. A visita do presidente americano resultou na assinatura de um Acordo de Cooperação sobre Biocombustíveis entre Brasil e EUA. Foi o segundo convite do governo americano para a diretora, recém chegada de uma visita de 15 dias aos Estados Unidos, pelo Cochran Biofuels Fellowship Program.

O Cochran é um Programa oferecido pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) para técnicos e especialistas dos setores público e privado de países em desenvolvimento. Neste ano o Cochran escolheu o Brasil e o foco foi a área de biocombustíveis. Além da representante do setor privado, compuseram o grupo 5 técnicos do governo brasileiro: Rodrigo Rodrigues, Coordenador do Programa Nacional de Biodiesel (Casa Civil); José Nilton de Souza Vieira, do Departamento de Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA); Tatiana Petricorena e Maria Antonieta de Andrade Souza, da Agência Nacional do Petróleo (ANP) e Vanderléa de Souza, do Instituto Nacional de Metrologia, Normatização e Qualidade Industrial (INMETRO).

A visita começou pelo estado do Arizona, na cidade de Tucson, onde foi realizada a 12ª Conferência Nacional do Etanol, um evento promovido pela Renewable Fuel Association (RFA),



Bob Dinneen, da RFA, ladeado por Mônica Bergamaschi e José Nilton S. Vieira

que reuniu um público recorde de 2 mil pessoas, reflexo do reconhecimento da importância que o tema vem recebendo tanto no meio rural quanto no empresarial naquele país. O nacionalismo foi a marca registrada da Conferência. Os números apresentados impressionam.

A produção americana de etanol passou de 175 milhões de galões, no início dos anos 80, para quase 5 bilhões de galões, ou 18,9 bilhões de litros, em 2006. Os EUA têm hoje 112 plantas industriais com capacidade instalada de produção de 5,4 bilhões de galões. Nos próximos dois anos outras 73 entrarão em funcionamento e a capacidade de produção passará a 11,6 bilhões de galões ou 43,9 bilhões de litros.

No Brasil, a capacidade instalada é de cerca de 18 bilhões de litros. As estimativas da UNICA indicam que a produção chegará a 35,7 bilhões de litros até 2012/2013.

Do Arizona o grupo seguiu para os esta-

dos de Dakota do Sul e Minnesota, que concentram um grande número de plantas de etanol e biodiesel. Na cooperativa Minnesota Soybean Processors, que reúne 2.300 produtores, a motivação para o investimento em uma unidade processadora de soja se deu graças ao incentivo do governo do estado que tornou compulsória a mistura de 2% de biodiesel ao diesel.

A planta industrial tem capacidade para processar 2.700 toneladas de soja por dia, e produzir 110 milhões de litros de biodiesel por ano. Chamou a atenção do grupo a liberdade na comercialização. Os associados podem comprar o produto para misturá-lo diretamente ao diesel consumido nas propriedades na proporção que quiserem. Para os distribuidores a venda também é direta. Nos postos a mistura pode ser 2 a 20%, mas não há necessidade de informar o consumidor, na hora do abastecimento, do percentual utilizado na mistura, o que gera desconfiças, pois os usuários não possuem informações sobre o comportamento do combustível a baixas temperaturas, ou os possíveis efeitos e danos nos motores dos veículos.

Na CornerStone Ethanol and MinWind Energy, uma cooperativa de produtores de milho, os brasileiros visitaram a planta de produção de etanol de milho. A indústria funciona o ano todo. Não há sazonalidade, por conta da estocagem do milho nos incontáveis silos das próprias fazendas ou cooperativas. Esta é uma vantagem em relação ao etanol de cana-de-açúcar, que é produzido apenas durante a safra. As desvantagens americanas, no entanto, são maiores. Uma delas é a fonte de energia para tocar o processo. Grande parte das plantas de produção de etanol usam gás natural, derivado do petróleo. No Brasil é a queima do bagaço da cana que gera o vapor que move as turbinas para gerar a energia que movimentam as máquinas. Outra grande desvantagem é a taxa de conversão energética, para cada unida-



Minnesota: bombas de biodiesel e de "gasolina" com 85% de etanol na mistura

# o definitivo

de de energia fóssil consumida para a produção da energia renovável a cana-de-açúcar produz 8,9 unidades, enquanto o etanol de milho 1,4. O custo de produção por litro também é muito menor no Brasil. Enquanto o etanol de cana-de-açúcar custa US\$ 0,27 por litro, o de milho custa US\$ 0,35 por litro. Fonte USDA.

Nesta mesma cooperativa estão sendo instaladas torres para geração de energia eólica. A busca por alternativas é uma necessidade constante e os investimentos têm sido muito altos, tendo em vista a ameaça à segurança energética.

A principal empresa produtora de equipamentos para a instalação de usinas de etanol, a Broin Company, responsável pela construção de várias plantas nos Estados Unidos, recebeu o grupo brasileiro, mas foram fornecidas poucas informações a respeito do negócio. Eles mais perguntaram do que responderam. Uma das preocupações está na resistência da indústria automobilística americana quanto à mistura de etanol à gasolina. A American Coalition for Ethanol está pressionando pelo aumento da mistura, o que exigirá a regulação de milhões e milhões de motores em toda a frota americana de veículos.

Questões de políticas públicas em relação ao uso dos combustíveis alternativos foram tratadas no Departamento de Agricultura de Minnesota, onde seu diretor de marketing ressaltou a posição de liderança do estado no uso de biocombustíveis.

O programa de trabalho envolve a realização de testes para atingir a meta da mistura compulsória de 20% de etanol à gasolina a partir de 2010.

Enquanto isso as pesquisas avançam com foco na utilização de material celulósico: hidrólise enzimática e gaseificação. Neste aspecto, em relação à matéria-prima, mais uma desvantagem americana. O custo estimado da coleta do material no campo, capim e hastes de cereais e oleaginosas é de cerca de US\$ 80 por tonelada, enquanto que no Brasil poderá ser usado o bagaço da cana, um subproduto que já está dentro das usinas após a produção de açúcar e etanol.

O grupo visitou a Crown Iron Works Company, fundada em 1878 e uma das líderes mundiais na construção de fábricas de bio-diesel. A Crown está construindo duas plantas para a Petrobrás, em território brasileiro.

Nos dois últimos dias o grupo participou, em Washington D.C., do Outlook Forum 2007, promovido pelo Departamento de Agri-



*Torre de geração de energia eólica (1º plano) e silos em fazenda nos EUA (fundo)*

cultura dos Estados Unidos (USDA), evento anual onde são discutidas as principais tendências da agricultura mundial. Este ano, em sua 27ª edição, o tema central foi a energia renovável.

O número de painéis sobre o tema foi proporcional à importância que os biocombustíveis e outras energias renováveis estão assumindo na matriz energética americana. No painel de abertura, o Diretor do Conselho Econômico Nacional, Allan Hubbard, fez um esboço das justificativas das diretrizes tomadas pela Casa Branca para diminuir a dependência em relação ao petróleo. Uma das prioridades do governo é reduzir os riscos para os investidores, o que acontecerá com garantia de

preços combinada com subsídios variáveis e uso compulsório crescente.

A meta de reduzir o consumo de gasolina em 20% em 10 anos se dará basicamente via substituição por biocombustíveis (15%) e pela racionalização (5%). A lei agrícola americana, Farm Bill 2007, prevê um quinquênio dedicado ao assunto, conciliando assim a estratégia de segurança com a competitividade dos agricultores e a segurança dos investidores.

A questão da segurança energética foi o que levou os EUA a apostar em etanol, um velho conhecido do consumidor brasileiro que já passou por altos e baixos e agora quer provar que pode, de fato, ser uma alternativa aos combustíveis fósseis ao redor do mundo e não apenas no Brasil.

OS EUA acabam, assim, avalizando o produto brasileiro e impulsionando a utilização do etanol e do biodiesel por muitos outros países. Com investimentos em pesquisas na área de etanol na ordem de US\$ 1,6 bilhões nos próximos 10 anos, o Acordo de Cooperação firmado entre Brasil e EUA pode ser o primeiro passo para mudar definitivamente o paradigma da energia no mundo.



*Grupo brasileiro no Departamento de Agricultura dos EUA*

# Pontal: a bola da vez

Foto: Prefeitura Municipal

O encontro dos rios Pardo e Mogi Guaçu em forma de ponta foi o que inspirou o nome da cidade, Pontal. No início um sertão bruto com matas indevassáveis, por onde se chagava apenas pelos rios que revelavam grandes campos.

Este “sertão” sem dono encantou Manoel Teotônio de Carvalho que requereu e obteve as terras do Capitão Geral de São Paulo. Os 5.400 alqueires aos poucos foram sendo vendidos ou invadidos por posseiros. Fazendas foram formadas.

Com a chegada em 1885 da navegação a vapor, que fazia o percurso de Porto Ferreira até o “Bico do Pontal”, e a inauguração da linha férrea em 1903, foi dado o impulso para a criação do Bairro do Pontal, que em 1907 foi elevado a distrito de paz. A agricultura foi e continua sendo a base da economia da cidade, que tem pouco mais de 30 mil habitantes e é conhecida como a Rainha dos Canaviais.

Apesar de possuir, há décadas, 3 usinas de açúcar e álcool, Pontal sempre se sentiu coadjuvante na história sucroalcooleira da região. Hoje se sente no elenco principal, o que se reflete no atual nível de desenvolvimento da cidade. A nova avenida de entrada, com imenso gramado e ciclovias, é reflexo desse desenvolvimento, assim como o tamanho do posto de combustível, da loja de insumos e do supermercado da Copercana na cidade. Segundo a administração municipal, a proximidade com Ribeirão Preto e Sertãozinho foi o que ajudou a retardar o desenvolvimento local. Hoje, com o crescimento destas duas cidades, Pontal é vista como opção de moradia, não sub-moradia como até poucos anos atrás, e também como local privilegiado para o desenvolvimento e instalação de indústrias.

Nos últimos seis anos, dois mil lotes residenciais foram comercializados e receberam edificações, mudando a geografia local. Indústrias de pequeno porte cresceram impulsionadas pelo setor sucroalcooleiro, assim como as oficinas especializadas em manutenção para as usinas de açúcar e álcool.



Pontal, aproveitando o bom momento do setor sucroalcooleiro

O comércio fortalecido, a oferta de serviços, principalmente médicos e odontológicos são reflexo desse crescimento.

O principal problema decorre da chegada de quase 7 mil migrantes para trabalhar na safra de cana-de-açúcar. Eles incham a utilização dos serviços públicos, principalmente saúde e educação, incluindo as creches. Muitos trazem a família para fazer tratamento médico na região. Um problema que será recorrente enquanto a mecanização não se completar.

Os migrantes, que há três décadas circulam por Pontal, trouxeram o hábito de usar a bicicleta como principal meio de transporte. Elas são pilotadas por homens, mulheres, idosos e crianças e são as donas do pedaço. Os motoristas já nem reclamam mais e respeitam o ritmo dos ciclistas.

A infra-estrutura da cidade melhora a cada ano. O asfalto está em 98% das ruas, é possível contar nos dedos as que não estão

pavimentadas. A água consumida é toda subterrânea, de alta qualidade e que ainda recebe fluoretação. A falta de tratamento do esgoto é um problema com meses contados para acabar. O projeto técnico está pronto e a área comprada. A cidade será contemplada com o Água Limpa, um programa do governo paulista que está construindo estações de tratamento de esgoto em cidades de até 30 mil habitantes. A coleta de lixo é própria e o material é depositado em lixão controlado, mas o aterro sanitário também já está em fase de implantação.

Na área da saúde a aposta é na prevenção. 5 equipes do Programa de Saúde da Família atuam em Pontal. A prefeitura comprou o serviço 24 horas da Santa Casa local, e para o atendimento eletivo existem 6 postos de saúde, sendo um de especialidades.

A educação é municipalizada, da creche à 4ª série do ensino fundamental. O estado é responsável pelo ensino, da 5ª série do ensino fundamental até a 3ª série do ensino médio. O grande sinal do desenvolvimento local, segundo a prefeitura, foi a instalação de uma escola particular na cidade, além da criação do curso técnico de química por parte de universidades da região, muito demandado pelas usinas.

Os bares e os bailes são os locais de entretenimento da cidade. O carnaval de rua, que era uma opção para a população de baixa renda, caiu no gosto de todos e hoje é conhecido até fora da cidade. A Festa do Peão atrai importantes competidores do estado e a Fecip, a Feira Comercial e Industrial, que acontece em outubro, mês de aniversário da cidade, é o coroamento de todo um trabalho em prol do desenvolvimento social e econômico de Pontal, que em 2007 comemora o seu primeiro centenário.

